

# NOTAS PARA UMA SOCIOLOGIA DO TRABALHO DOCENTE NA OBRA DE PIERRE BOURDIEU

## REMARKS TOWARDS A SOCIOLOGY OF TEACHING IN PIERRE BOURDIEU'S WORK

Juarez Lopes de Carvalho Filho\*

O artigo “Bourdieu et le travail enseignant: reconstruction d’un objet peu visible, transversal et intime”, de autoria de Nicolas Sembel, aqui traduzido e apresentado, é um capítulo do livro coletivo *Bourdieu et le Travail*, publicado em 2015 (369 p.), pela Presses Universitaires de Rennes, organizado por Maxime Quijoux<sup>1</sup>. O livro é o resultado de um colóquio realizado em 2012, na ocasião do aniversário de 10 anos da morte de Pierre Bourdieu, impulsionado por uma dupla perspectiva ou uma “*double absence*” que está na origem dessa empreitada, a saber: tratar do *trabalho* enquanto categoria analítica na sociologia de Pierre Bourdieu e de *Bourdieu* na sociologia do trabalho (Quijoux, 2015, p. 15). Uma série de questões estava no horizonte do colóquio: Bourdieu realmente nunca analisou o objeto *trabalho*, principalmente após a experiência na Argélia? Como ele aborda este objeto e em

que medida ele pode contribuir nesse campo de pesquisa? E por que a sociologia do trabalho na França o ignorou assim por tanto tempo? (p. 15) Para alcançar tais objetivos, as comunicações orais apresentadas no colóquio e publicadas no livro cobrem três dimensões: uma perspectiva exegética; uma análise histórica; e alguns exemplos de aplicação de seus conceitos e modelos de análise em pesquisa de campo, abordando o trabalho na sociologia de Bourdieu.

A obra organizada por Maxime Quijoux (2015) comporta cinco grandes partes. A primeira parte “Bourdieu et le travail: une introduction” (pp. 19-85), é assinada pelo próprio Maxime Quijoux. Este autor ressalva que essa introdução não tem uma pretensão de síntese e que a busca pela categoria *trabalho* na obra de Bourdieu não nos conduz a uma dimensão nova das suas pesquisas ou da sua obra. E, se a Argélia

\* Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, MA, Brasil. E-mail: juarez.lopes@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3508-4959>.

<sup>1</sup>Sociólogo e pesquisador do CNRS, membro do Laboratoire Professions-Institutions-Temporalités (PRIN-TEMPS), Université Versailles-Saint-Quentin-en-Yvelines.

foi um terreno inicial tanto quanto iniciático para sua sociologia, o *trabalho* constituiu seu principal objeto, muito à frente de outros textos que, no entanto, tiveram um sucesso muito maior e ficaram mais conhecidos e celebrizados (p. 22). Assim, Quijoux relembra que se a notoriedade de Bourdieu se fez através de um conjunto de conceitos transversais que lhe permitiram escapar do enclausuramento de uma disciplina, e de abarcar uma variedade de objetos se impondo rapidamente nas ciências sociais tão diversas – como a sociologia da educação, da família, da arte, da economia, do Estado ou do jornalismo –, exercendo grande influência na sociologia contemporânea e operando, segundo Louis Pinto (2002), uma verdadeira “revolução simbólica”, existe uma área onde certa ubiquidade científica parece menos evidente, revelando um aspecto pouco conhecido da sua sociologia. Desse modo, apesar de os escritos da “experiência argelina” poderem aparecer rapidamente ao espírito de modo espontâneo, a contribuição para a compreensão da análise contemporânea do trabalho assim como as

ferramentas epistemológicas parecem ter sido ofuscadas pelo grande sucesso de *Os herdeiros* e de *A distinção*, e suas pesquisas sobre o trabalho assalariado relegadas definitivamente pelo *O senso prático*, onde a experiência do mundo rural se impõe (Quijoux, 2015, p. 13).

Assim, Quijoux analisa e demonstra como, revisitando os primeiros trabalhos sobre a Argélia<sup>2</sup>, Bourdieu propõe menos uma sociologia do trabalho, na perspectiva como essa se desenvolveu na França<sup>3</sup> – uma sociologia do mundo industrial<sup>4</sup> –, e mais uma antropologia do assalariado, na tentativa de apreender as condições objetivas e socio-históricas da emergência das trocas comerciais no pós-guerra, no contexto de emergência do capitalismo industrial.

A segunda parte, “Bourdieu, l’Algérie et le travail: réflexivités et enjeux heuristiques”, consagrada à experiência argelina de Bourdieu, enseja preencher uma lacuna na historiografia em desenvolvimento sobre Bourdieu e sua obra, cujos trabalhos são raramente evocados, apesar de uma certa visibilidade nos últimos anos (Quijoux, 2015,

2 BOURDIEU, P.; DARBEL, A.; RIVET, J.-P.; SAIBEL, C. *Travail et travailleurs en Algérie* (1963); BOURDIEU, P.; SAYAD, A. *Le déracinement: la crise de l’agriculture traditionnelle en Algérie* (1964); BOURDIEU, P. *Algérie 60* (1977).

3 O autor faz referências onde podemos constatar que os principais repertórios da sociologia do trabalho na França deixam à margem as principais produções de Bourdieu do período argelino, mesmo as publicações mais recentes: POUCHET, A. (coord.), *Sociologie du travail, 40 ans après* (2001); BORZEIX, A.; ROT, G. *Sociologie du travail: genèse d’une discipline, naissance d’une revue* (2010); TANGUY, L. *La sociologie du travail en France: enquêtes sur le travail des sociologues, 1950-1990* (2011), com exceção de Michel Lallement, *Le travail: une sociologie contemporaine* (Gallimard, 2007), que toma emprestado de Bourdieu o princípio de “di-visão” que se refere às formas de construir e ver o mundo social através de filtros cognitivos que consideram o trabalho uma categoria relevante de ordenação e hierarquia (Lallement, 2007).

4 Nos anos 1950, a sociologia do trabalho na França, sob a égide de Georges Friedmann e Pierre Naville, surge motivada pela crítica à escola de relações humanas (dos Estados Unidos), com uma perspectiva de abordagem empírica, tomando o *atelier* como um lugar da produção e a atividade profissional devendo ser observada diretamente no local de trabalho (uma observação situada). Se ela foi no início marcada pela sociologia americana industrial, acabou sofrendo influências das contribuições do marxismo na sociologia, não só na França, como na Europa em geral. Talvez encontremos aí uma explicação para que os trabalhos de Bourdieu sobre a Argélia nesse período, tenham sido preteridos.

p. 90) – fato que pode ser verificado na sociologia brasileira do trabalho<sup>5</sup>.

A terceira parte, “Activités intellectuelles, professions artistiques et économie symbolique”, interroga o trabalho intelectual e artístico (dois dos objetos mais estudados) tais como Bourdieu os pensava, pois se ele consideravelmente informou os mecanismos e os agentes em ação na produção da cultura como um instrumento de dominação ou como campo estético, ele nem sempre realizou uma descrição fina de suas atividades e dos modos de produção (p. 134).

A quarta parte do livro, “Habitus professionnel et division sociale: le travail entre reproduction et socialisation”, coloca em perspectiva a contribuição da fecundidade empírica da noção de *habitus* e de *trajetórias* na análise do trabalho.

A quinta e última parte, “Le travail entre domination et conflits”, reúne artigos que colocam no cerne das análises um objeto excepcional tanto para Bourdieu quanto para a questão *trabalho*: a dominação. As comunicações pontuam que a sociologia de Pierre Bourdieu permite compreender os processos de “*fabrication du travailleur*” e da divisão social do trabalho bem como a estruturação do *habitus* econômico.

O texto de Nicolas Sembel (2015), traduzido e aqui apresentado, “Bourdieu e o trabalho docente: reconstrução de um objeto pouco visível, transversal e pessoal”, é um capítulo constitutivo da terceira parte “Ac-

tivités intellectuelles, professions artistiques et économie symbolique”.

Nicolas Sembel é sociólogo, vinculado ao Institut National Supérieur du Professorat et de l’Éducation d’Aix-Marseille, e membro do Centre Émile Durkheim, na Université de Bordeaux. É autor de livros como *La sociologie de l’éducation*<sup>6</sup> (2002), em coautoria de Anne Barrière); *Le travail scolaire* (2005); e de vários artigos sobre a sociologia durkheimiana<sup>7</sup>. Sembel recentemente organizou e apresentou uma nova edição de *Éducation et sociologie* (2022) e de *L’Évolution pédagogique en France* (2024) – edições críticas que visam lançar luzes e contribuir para uma homogeneização da obra de Durkheim no seu conjunto: cursos, obras, artigos conferências, notícias bibliográficas etc.

Nessa empreitada “Bourdieu et le travail enseignant” (2015), Sembel guiou sua pesquisa em duas dimensões: circunscrever a relação pessoal de Bourdieu com a educação a fim de compreender sua sociologia; e a relação íntima de Bourdieu com o trabalho docente para conhecer sua radicalidade crítica. O que caracteriza principalmente a pesquisa de Nicolas Sembel é um trabalho profundo de cunho exegético original e heurístico sobre esse objeto fugaz (p. 134), que ao mesmo tempo nos informa sobre o trabalho docente e nos esclarece sobre a relação complexa da sociologia com a instituição escolar. Sua hipótese é que, se a sociologia de Bourdieu é crítica em geral,

5 Ricardo Festi, em seu recente livro publicado no Brasil (resultado de uma tese de doutorado), *As origens da sociologia do trabalho: percursos cruzados entre Brasil e França* (2024), apesar de citar Pierre Bourdieu, não faz menção às suas pesquisas sobre a Argélia.

6 Esse livro é traduzido no Brasil com o título *Sociologia da escola* (2006), pela Edições Loyola.

7 Entre inúmeros artigos, gostaríamos de destacar desse autor a organização em parceria com Matthieu Béra, outro durkheimólogo, do livro de Matthieu Béra e Nicolas Sembel (dir.), *Les Formes élémentaires de la vie religieuse, cent ans après. Émile Durkheim et la religion* (2019)

e sua sociologia da educação o é em particular, *a fortiori*, sua sociologia do trabalho docente é mais crítica ainda. Desse modo, Nicolas Sembel (2015) estrutura seu processo demonstrativo em três seções: a primeira é a *descrição do trabalho docente, enquanto espaço sociológico*, cuja sociologia se constrói “contra a representação comum que reduziu a ação pedagógica à sua função técnica”, conduzindo à “atomização da função professoral”; a segunda, a *análise do trabalho docente: um senso prático pedagógico*; e a terceira, *as variações do trabalho docente*, na qual apresenta oito casos exemplares específicos do trabalho docente na obra de Bourdieu, que encarnam “tomadas de posição” estreitamente ligadas às posições profissionais desses agentes.

Para Sembel, essa pouca visibilidade e forte transversalidade da categoria *trabalho* na obra de Bourdieu se apresentam de forma cronológica: uma sociologia do trabalho docente aparece discretamente nas primeiras produções sobre a Argélia, com passagens sobre a escola; começa efetivamente a se desenhar com as pesquisas sobre a educação, na década de 1960, com estatutos distintos de acordo com as publicações, e por conseguinte não contribuindo para esclarecer o problema; a questão se prolonga de modo mais visível, nos anos 1970, com as “categorias do juízo professoral” e a pesquisa sobre a “função de consagração” em classes preparatórias; e de maneira menos visível, em abordagens que poderiam se chamar de “pedagogia da incorporação” em textos como *Esquisse d’une théorie de la pratique* (1972) de Bourdieu.

Dessa forma, o trabalho docente se faz presente em vários momentos “estratégicos” no desenvolvimento da sociologia de Bourdieu. E se esse objeto não aparece de modo explícito em várias retomadas, em conexão

a vários conceitos, a transversalidade reforçou a pouca visibilidade, como se Bourdieu tivesse passado sua vida de sociólogo relutando e dando voltas em torno do objeto “trabalho docente” sem enfrentá-lo de modo decisivo. Ou seja, “como se ele tivesse de tal forma ‘incorporado’ esse objeto, concernente à sua atividade profissional, mas também sua relação com a instituição de ensino, cuja incorporação impedia o distanciamento necessário para o seu tratamento científico” (Sembel, 2015, p. 137).

Nicolas Sembel, apesar de fundamentar sua análise exegética em vista de reconstituir o objeto do trabalho docente no conjunto da obra de Bourdieu – livros, artigos (de autoria ou em coautoria) – opera uma seleção das cinco grandes obras publicadas entre 1970 e 1989, discutidas de modo cronológico: *A reprodução* (1970), *A distinção* (1979), *O senso prático* (1980), *Homo academicus* (1984) e *La noblesse d’État* (1989). Dito isso, Sembel se concentrou na primeira (*A reprodução*) e na última (*La noblesse d’État*), que cobrem o lastro de dez e vinte anos de publicação, demonstrando, desse modo, a importância no processo de reconstrução do objeto trabalho docente, e dando ênfase ainda maior no livro *La noblesse d’État*, uma “verdadeira antropologia generativa dos poderes” (Wacquant, 2004, p. 228). Ainda segundo Sembel, ampliando a visão da estratificação social dos professores enquanto proletários do Estado, e propondo conceitos como “mercado linguístico, violência simbólica, função de consagração e as noções de sistema, cumplicidade e mal-entendidos” (Sembel, 2015, 155), Bourdieu fornece, de modo progressivo e operacional, chaves sempre atuais para apreender e analisar o trabalho docente e o funcionamento do sistema de ensino. Aliás, é também esse o caminho que o leitor encontrará no texto de Nicolas Sembel.

Dentre esses conceitos listados, o autor dá ênfase no paradigma do funcionamento do “mercado linguístico” para compreender, por um lado, o que se passa na sala de aula no cotidiano, que é do domínio da “ordem da conversação”, para lembrar uma importante dimensão da obra de Goffman (1987); e, por outro, para compreender o que se passa nas transformações da língua cotidiana. Sembel (2015) enfatiza que o professor é agente de um mercado linguístico onde a palavra ou melhor “as locuções performativas” (Austin, 1970) asseguram sua dominação relativa, que Bourdieu lembrava claramente como o “trabalho permanente de correção”.

Dois conceitos são ainda retidos e apresentados como fundamentais para a compreensão da sociologia bourdieusiana do trabalho docente: a violência simbólica e a função de consagração, que estão no cerne das pesquisas que se estendem de 1969 a 1970 e de 1970 a 1990, permanecem atuais e incarnam as constâncias da ação pedagógica e do juízo professoral.

Outra dimensão ainda que vale destacar no referido texto é a sociologia da sociologia que, embora Bourdieu tenha exercitado nas obras anteriores, esboça de maneira mais explícita a partir de *Leçon sur la leçon* (aula inaugural no *Collège de France*, em 1982): “A sociologia da sociologia, que permite mobilizar contra a ciência que se faz, as aquisições da ciência já feita, é um instrumento indispensável do método sociológico: fazemos ciência – e sobretudo sociologia – tanto em função de nossa própria formação quanto contra ela” (Bourdieu, 2001, p. 6). Como destaca Sembel (2015, p. 155):

Bourdieu sociólogo da educação e do trabalho docente, continua, afinal, antes de tudo, um professor crítico do funcionamento “feliz” da instituição, se apoiando sobre sua

própria formação e sua própria consagração (*Leçon sur la leçon*), bem como de seu próprio status de oblató (*Homo academicus*).

Assim, podemos perceber que por traz dos escritos sobre o sistema de ensino e das grandes escolas, existe a relação cada vez mais objetivada de Bourdieu com a escola e o ensino (Sembel, 2015, p. 155). E como ele mesmo afirmava: “Se a sociologia do sistema de ensino e do mundo intelectual me parece primordial, é porque contribui também para o conhecimento do sujeito do conhecimento” (Bourdieu, 2001, p. 6-7).

O livro *Bourdieu et le Travail* oferece, portanto, uma grande contribuição à sociologia do trabalho na França, bem como no Brasil, convidando a incorporar em seus diferentes protocolos de pesquisa, o arcabouço teórico e conceitual de Bourdieu para nossa compreensão do mundo do trabalho. Notadamente lembrando que o “*habitus* profissional” dos agentes sociais, em suas relações de trabalho, dependem amplamente dos condicionantes nos processos de socialização exteriores e antecedentes ao mundo do trabalho, pois ele é uma extensão do “*habitus* de classe” (Quijoux, 2015, p. 54).

O artigo de Nicolas Sembel “Bourdieu e o trabalho docente”, por sua vez, convida os representantes da sociologia da educação a perceber a rica dimensão do trabalho docente na obra de Bourdieu e a levar em conta o papel preponderante e decisivo do sistema de ensino e do trabalho pedagógico na estruturação do “*habitus* de classe” e do “*habitus* profissional” e suas relações de trabalho – dimensão muito ausente nesse campo de pesquisa na sociologia brasileira: fato que justifica a publicação deste artigo.

## Referências

- AUSTIN, J. *Quand dire, c'est faire*. Paris: Éditions du Seuil, 1970.
- BÉRA, M.; SEMBEL, N. (dir.). *Les formes élémentaires de la vie religieuse, cent ans après: Émile Durkheim et la religion*. Paris: Classique Garnier, 2019.
- BORZEIX, A.; ROT, G. *Sociologie du travail: genèse d'une discipline, naissance d'une revue*. Paris: Presses Universitaires de Paris Ouest, 2010.
- BOURDIEU, P. *Lições da aula*. São Paulo: Ática, 2001.
- BOURDIEU, P. *Algérie 60*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1977.
- BOURDIEU, P. *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Genève: Droz, 1972.
- BOURDIEU, P.; SAYAD, A. *Le déracinement: la crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964.
- BOURDIEU, P.; DARBEL, A.; RIVET, J.-P.; SAIBEL, C. *Travail et travailleurs en Algérie*. Paris/La Haye: Mouton, 1963.
- DURKHEIM, É. *L'Évolution pédagogique en France*. Paris: Presses Universitaires de France, 2024.
- DURKHEIM, É. *Éducation et sociologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 2022.
- FESTI, R. *As origens da sociologia do trabalho: percursos cruzados entre Brasil e França*. São Paulo: Boitempo, 2023.
- GOFFMAN, E. *Façon de Parler*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1987.
- LALLEMENT, M. *Le travail: une sociologie contemporaine*. Paris: Gallimard, 2007.
- PINTO, L. *Pierre Bourdieu et la théorie du monde social*. Paris: Éditions du Seuil, 2002.
- POUCHET, A. (coord.). *Sociologie du travail, 40 ans après*. Paris: Elsevier 2001.
- QUIJOUX, M. (org.). *Bourdieu et le Travail*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2015.
- SEMBEL, N. *Le travail scolaire*. Paris: Nathan, 2005.
- SEMBEL, N.; BARRIÈRE, A. *Sociologie de l'éducation*. Paris: Nathan, 2002.
- TANGUY, L. *La sociologie du travail en France: enquêtes sur le travail des sociologues, 1950-1990*. Paris: La Découverte, 2011.
- WACQUANT, L., "Lire le capital de Pierre Bourdieu". In PINTO, L.; SAPIRO, G.; CHAMPAGNE, P. (Dir.). *Pierre Bourdieu, sociologue*. Paris: Fayard, 2004 (1995). PP. 211-230.

Recebido em: 08/08/2024  
Aprovado em: 08/08/2024